

O INVENTÁRIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS

MUSEU DE FUNDAÇÃO – Museu da Electricidade

Património industrial e recursos energéticos naturais

Rosa Góis (Responsável pelo Departamento de Reservas e Restauro)
Lisboa - 12 / 09 / 2008

1. A inventariação, o inventariante e o Museu

Sobre a função da inventariação:

1.1. Diga-me as 10 primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando ouve falar em “inventário”.

Dez são muitas. Para mim, inventário é conservação, é o património e é a história, essencialmente, reduzo muito o inventário a esses dois. Porque conservar sem estar inventariado é difícil porque está tudo disperso, pelo menos para a nossa realidade aqui no Museu da Electricidade, até termos o inventário a funcionar estava tudo disperso. E a história, nós temos um sector eléctrico no país que vem muito atrás e o nosso espólio consegue transmitir muito isso. Eu tenho que agarrar-me à experiência de inventário aqui.

Vamos tentar chegar às dez palavras, as primeiras que lhe venham à cabeça...

Pois mas eu não pensei muito nisso...

Está tudo relacionado com museu:

1. Conservação
2. Museu
3. História
4. Exposição
5. Contacto com o público
6. Transmitir vivências, no nosso caso na Central Tejo, o factor humano...
7. Factor humano

Não sei, sinceramente acho que está tudo dito

Mais três... que tenham a ver com o dia-a-dia, por exemplo.

Tem a ver com

8. Gosto
9. Interesse
10. Empenhamento pessoal.

Isto acaba por se transformar nos nossos meninos, nas nossas crianças, o inventário acaba por ser as peças...

1.2. Queria pedir-lhe para me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais.

Fazemos uma recepção das peças. Imediatamente um registo, enquanto possível, imagem de como entrou. A partir daí passamos para a parte do inventário que já implica o número de inventário e todos os campos essenciais: que é a denominação, modo de entrada... Isto é o

básico, depois voltamos a retomar a ficha. Quando não há oportunidade de fazer a ficha completa logo de imediato, o principal depois da imagem: número de inventário, denominação, modo de entrada, proveniência, código de denominação e fabricante para nós é muito importante.

A partir daí que é a parte que ocupa mais tempo, temos o contexto histórico que tem de ser sempre desenvolvido: tentar chegar lá. E a história da peça. Isto é uma parte que demora sempre mais, nem sempre é feita de imediato, é numa segunda fase, porque é a parte da investigação. Quando recuperada, porque precisou, nova foto para acrescentar: o antes e o depois.

Este seria o circuito do inventário?

Sempre que possível é assim. Às vezes, se a oferta é de duas ou três peças há a hipótese de fazer tudo de seguida. Às vezes nem precisam de ser recuperadas, são numeradas, são fotografadas, é feita a ficha o mais completa possível, são arrumadas e pronto!

1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado.

Modelo ideal para mim, mas com o que eu vivo, na minha realidade... eu não alterava muito. A única coisa que gostaria sempre de poder fazer era o percurso do princípio ao fim. O que normalmente não consigo. Para mim o ideal era não ter que pegar na ficha duas ou três vezes, ou então se eu tenho de voltar a retomar a ficha é por, sei lá, uma descrição mais técnica, tenho que pedir ajuda a um engenheiro ou a uma pessoa de electricidade, às vezes acontece. Mas, o ideal é uma pessoa poder-se dedicar seguido, porque isso implica um investimento muito grande e uma ocupação em permanência que é o que nunca existe em museu nenhum, é termos pessoas em permanência e exclusividade. É muito difícil. O ideal seria não haver grandes interrupções nem grandes lacunas porque nos acontece, às vezes, que registamos uma série de peças que nos são oferecidas, mas... que é que acontece? Que como nesse momento não é oportuno ficam em *stand by*, volta-se a retomar X tempo depois e as coisas vão acumulando. Só mesmo por sistema de organização.

2. A última incorporação

2.1. Diga-me em qual das modalidades foi feita a última incorporação de um bem cultural/exemplar:

2.1.1. Compra	<input type="checkbox"/>	2.1.10. Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.1.2. Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.1.11. Herança	<input type="checkbox"/>
2.1.3. Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.1.12. Permuta	<input type="checkbox"/>
2.1.4. Legado	<input type="checkbox"/>	2.1.13. Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.1.5. Recolha	<input type="checkbox"/>	2.1.14. Preferência	<input type="checkbox"/>
2.1.6. Achado	<input type="checkbox"/>	2.1.15. Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.1.7. Transferência	<input type="checkbox"/>	2.1.16. Depósito	<input type="checkbox"/>
2.1.8. Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.1.17. Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.1.9. Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.1.18. Outra. Qual?.....	

Doação. Nós vivemos muito, muito de doações. De particulares, qualquer pessoa que se lembra “Tenho aqui em casa uma lâmpada de filamento de carvão, interessa?”. Ou doações de instituições. Lembram-se de nós porque qualquer instituição ou qualquer entidade, se calhar, têm um edifício próprio em que a instalação eléctrica é de 1930 e, de repente, hoje vão mudá-la, pô-la toda nova, e lembram-se de telefonar: “Estarão interessados, temos um gerador, um transformador, um quadro eléctrico, interessa-vos?”.

Isto além de tudo o que é equipamento pertencente às Centrais da Electricidade de Portugal (EDP), que já nem considero doação porque é movimento interno.

Às vezes uma Central é fechada, fica desactivada e os colegas do Porto, de Seia de onde for, avisam: “A central vai ser desactivada, será que interessa, temos aqui uma colecção de contadores, será que querem vir?”. Mas já nem considero doação porque, no fundo, é circulação interna. Mas não deixa de ser uma doação. Porque de algum modo a aquisição é muito mais para peças, dispositivos, maquetes, tem a ver mais com museografia, exposições, e não com o espólio em si.

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foi feita a última incorporação de uma colecção:

- | | | | |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.2.1. Compra | <input type="checkbox"/> | 2.2.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.2. Doação | <input type="checkbox"/> | 2.2.11. Herança | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.3. Empréstimo | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.2.12. Permuta | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.4. Legado | <input type="checkbox"/> | 2.2.13. Afectação permanente | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.5. Recolha | <input type="checkbox"/> | 2.2.14. Preferência | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.6. Achado | <input type="checkbox"/> | 2.2.15. Dação em pagamento | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.7. Transferência | <input type="checkbox"/> | 2.2.16. Depósito | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.8. Expropriação | <input type="checkbox"/> | 2.2.17. Produção própria | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.9. Fundo antigo | <input type="checkbox"/> | 2.2.18. Outra. Qual?..... | |

Foi um depósito sem termo, sem fim, ou seja ele não começa hoje e acaba amanhã, mas não é nosso, não é de nossa propriedade, é uma colecção de material de experiências proveniente de escolas técnicas, de escolas profissionais em que a propriedade é do estado. Houve uns contactos através da Direcção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo (DREL), a DREL autorizou as escolas a doar... Não é doar! Porque o ministério é sempre o proprietário da colecção, não somos nós.

Percorremos uma série de escolas profissionais, porque muitas encerraram, e ao vermos os laboratórios de física, de química e de electricidade, e os equipamentos que ali existiam... encontrámos peças do princípio de século, belíssimas. Temos uma colecção fantástica. Agora, ela não é nossa, ela está em depósito.

Tenho que acrescentar depósito a este meu conjunto de opções....

Não, porque não é compra, não é doação, não é legado...

Com cada entrevista vão surgindo novas modalidades de incorporação...

3. Uma história simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas incorporações - ou de outra que lhe venha à memória agora e que julgue interessante - referindo em especial:

3.1. A data - certa ou aproximada - em que ocorreu;

3.2. As negociações entre o/a doador/a, ou vendedor/a, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);

3.3. Onde estava guardado o bem/exemplar ou a colecção?

Temos uma situação que eu ainda não lhe posso contar o fim porque as peças ainda não estão connosco, mas acho que reúne tudo isto, sobretudo por causa dos processos, do quem, o como, o quando...

Nós tivemos uma proposta da Câmara Municipal de Sintra de uma oferta, se estaria o Museu da Electricidade interessado em duas comutatrizes, duas máquinas eléctricas provenientes das subestações dos carros eléctricos de Sintra.

Bom. Sim senhora. Consultaram o director do Museu, que passou para a pessoa responsável, a pessoa responsável, neste caso sou eu. Com a descrição do equipamento - isto para responder a quem é que fez parte do processo - precisei de duas ajudas: uma técnica para o equipamento em causa, porque tinha datas aproximadas -não tinha data concreta-; e uma histórica, uma colega que faz investigação histórica para informar se aquele equipamento a nível histórico está registado. Porque as máquinas eléctricas, eu não quero dizer disparate mas, até... salvo erro 70, ou sessenta e tal, há estatísticas em que tudo o que é equipamento eléctrico: transformadores, máquinas... em todas as centrais, estão registados, junto com a potência e o ano... E isso para nós é uma bíblia.

Efectivamente concluiu-se que das máquinas propostas (três ou quatro), uma era completamente diferente, dos anos 20, e as outras três, que eram iguais, eram mais tardias. Com a investigação histórica, resultou que as três que eram iguais tinham sido compradas à CRGE (Companhias Reunidas de Gás e Electricidade) ou seja, a origem da EDP. Isto é, pertenciam à EDP, elas funcionaram nas nossas instalações, foram vendidas a Sintra para gerar electricidade para os carros eléctricos e hoje, por portas e travessas, voltam para a nós!

A história é muito interessante porque consegue demonstrar que os processos às vezes têm que ter apoios técnicos, investigação histórica, encontrar o contexto para saber se se justifica... É o interesse para as reservas para o Museu da Electricidade. Neste caso a componente histórica foi engraçada porque já tinham sido da CRGE e voltaram à EDP. Tem a sua graça.

Agora, o fim não lhe consigo contar porque ainda estão em Sintra. Está previsto para agora, para Setembro irmos buscá-las. Isto é um processo que já tem dois anos. Por ser uma Câmara. O problema tem a ver com as burocracias. A Câmara envia-nos uma carta - do Presidente da Câmara -. Nós respondemos que sim senhor, deslocamo-nos para ver as máquinas, fazemos a análise, enviamos para lá. Eles lá têm que fazer outra vez a proposta, ao presidente... o vereador da cultura... não sei! Então volta uma carta complicada porque a Câmara de Sintra pretendia que elas estivessem em exposição. Nós tivemos que dar uma contra-proposta a dizer que isso não era possível, o nosso compromisso é preservá-las nas condições ideais. Elas serão preservadas, vão fazer parte do nosso acervo. Estarão

disponíveis para Sintra, quando Sintra quiser fazer exposições temáticas, mas nós não nos podemos comprometer a tê-las expostas em permanência.

Com todas estas conversas, andou para trás e para frente. Evidentemente que a Câmara de Sintra acabou por concordar e agora é só a parte burocrática, que é a prática de ir recolhê-las. Sim porque elas estão num armazém e não cabem pela porta. Então vão abrir outra porta de propósito, noutro sítio, para nós conseguirmos pôr um camião com uma grua.

Nós temos um espólio com peças deste calibre, às vezes põem-se coisas que as pessoas nem imaginam. Estamos à espera de um portão para poder chegar com um camião grua.

O que está previsto, é que a entrada delas é feita no espaço da garagem onde estivemos. Elas vão ser recuperadas por nós em tudo o que pudermos, o que for necessário pelo exterior - porque são máquinas de grandes dimensões - é uma subempreitada a nível mecânico, porque podemos precisar de ajuda. E depois, ou ficam instaladas na própria garagem, mas com assentamento próprio como se estivessem visíveis lá, ou dentro do espaço de reservas. Para o Museu não vêm, por enquanto não vêm.

Uma delas, até Sintra estava toda interessada porque acho que em 2009, Sintra faz cem anos de electrificação, e então uma poderia estar exposta nessa exposição que eles vão fazer.

Onde é a exposição, por curiosidade?

Não sei, só sei que tem a ver com a Câmara de Sintra, mas não sei onde.

Então essas máquinas ficam como, também em depósito?

Não, pelo que eu percebi é uma doação, mas há um protocolo. A condicionante é o protocolo. Tem que haver um protocolo de doação, quando há entidades assim: se foi recebido, se foi dado ou não... Daí os trâmites burocráticos de andar para trás e para frente: se fica em exposição ou não, se ficam conservadas, etc.

3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/exemplar?

3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desse bem/exemplar e para a sua nova forma de vida no contexto do Museu?

Agora ou onde elas estiveram instaladas de origem?

As duas coisas.

Onde elas estiveram instaladas de origem, a própria Câmara forneceu-nos fotografias de origem das sub-estações porque eles têm um arquivo fotográfico também.

Mas foram vocês quem solicitou esta documentação?

Não. Eles disponibilizaram-se. Porque o interlocutor da Câmara de Sintra está ligado à História e tem todo o gosto em facilitar. Eles vão disponibilizar todo o histórico possível a nível de compras, facturas da CRGE... quanto mais informação acompanhar uma peça destas, melhor.

O reconhecimento do local é uma deslocação ao local e... pronto!

Vocês costumam fazer essa deslocação ao local para examinar tudo?

Sim. E pronto, às vezes é mais agradável que outras.

E fotografa os contextos?

Sim, fotógrafo, porque elas estão desmontadas. Umas partes estão montadas outras não estão, depois há muitas peças à mistura.

A primeira ida - eu já lá fui duas vezes - é o registo, a imagem, o espaço onde está, as condições. Agora é acompanhar o transporte, a segunda parte do problema no transporte é estar lá e seleccionar, com certeza, o equipamento correcto. Porque elas, como têm muitas partes desmontadas, eu tenho que levar um colega que faz assessoria em máquinas, é conhecedor, e, enquanto as coisas forem descendo dizer: isto faz parte desta máquina, isto não faz, isto interessa, isto não interessa, porque não vamos trazer tudo o que lá está... Lá estão 4 máquinas e nós vamos ficar com 2.

Neste caso a doação foi feita pela Câmara, através da Câmara conseguiram entrar em contacto com as pessoas que usufruíram destas peças ou a sua vivência?

Não. A pessoa que está a acompanhar o processo é conhecedora da história de Sintra e dos carros eléctricos, e tem publicações sobre a história dos carros eléctricos de Sintra. Por isso a informação vem através dele, mas nós não fizemos esses contactos. Normalmente com equipamento do exterior não fazemos tanto isso, fazemos mais esses contactos quando conseguimos dentro da casa contactar um antigo trabalhador da Central Tejo, por exemplo... fazemos mais isso.

As observações serão utilizadas para a nova forma de vida do bem cultural ou da colecção no Museu?

Não percebi.

Se todas as informações sobre o passado da peça e a sua vivência noutras mãos, são utilizadas no contexto do Museu onde ela, a fim de contas, adquire uma nova vida?

Elas não são utilizadas, em princípio elas serão guardadas, e se houver intenção de transmitir um contexto serão muito importantes, mas no fundo é uma recolha. Não há hipóteses de transformar em mais nada a não ser recolha e quando houver oportunidade, se algum dia há - que nem sempre há para todas as peças - às vezes até temos muita informação de algumas peças que nunca tiveram expostas. E depois há outras que estão expostas e fazem parte de uma explicação, dum contexto, das quais nós não temos informação nenhuma.

3.6. Como é a chegada das peças ao Museu?

Depois é transmitido aos colegas mais próximos, que são colegas de Museu mesmo de outras áreas, que, pronto: "Já cá está, quando quiserem podem ir lá ver". É transmitido, mas é um transmitido informal, entre colegas. É dado o conhecimento. Quando são peças de grandes dimensões é diferente, os colegas, às vezes, até se deslocam ao local para as ver entrar, chegar, porque são coisas que não se vêem todos os dias, fazem muito aparato... mas isso é outra coisa.

3.7. Como é que são feitos inventário e arrumação, mais ou menos já referiu...

Sim, depende da peça.

4. O Museu manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento dos bens/exemplares que nele entram, dando conta sobretudo:

- 4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feito, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse; Toda esta informação é tida em conta? Quem faz a recolha?

Quem faz a recolha? Normalmente isso está tudo do mesmo lado! O que se pode fazer é sempre feito pela mesma pessoa, como lhe disse o departamento é só uma pessoa. Além do apoio da oficina, de resto é complicado. Conto sempre com a colaboração dos colegas da parte da investigação. Quando se precisa, cá estão todos para isso.

Mas a história da peça no contexto da história da electricidade... de todas as nossas peças de acervo, a intenção final a nível histórico é sempre conseguir ilustrar, poder ter os primórdios até hoje, em qualquer tipo de colecção. Por exemplo, na história dos electrodomésticos: poder transmitir como é que entraram no país, o que é que a sua entrada implicou nas casas e na vida, neste caso dos portugueses, o que é que se estava a ver noutros sítios. Porque, por exemplo, quando nós começámos a ter ferro eléctrico já os americanos tinham frigorífico em casa e a Europa não. Por isso a evolução histórica das peças é sempre tida em conta. No equipamento eléctrico (quando falo em equipamento eléctrico falo em máquinas, commutatrizes, motores, transformadores...) é muito importante a evolução técnica. Um tem mais factor técnico e outro, se calhar, é mais factor social, são elementos a ter em conta.

E o autor? As circunstâncias em que foi feito, material...

Isso é muito complicado, normalmente equipamento é fabricante. Temos que ter sempre uma certa noção se a Siemens existe desde que ano e o que é que começou a produzir; a evolução da Simens, primeiro era a *Siemens and Suc...*, depois a *Siemens ans Hous...*, agora é só a Siemens. Há uma evolução no próprio fabricante, mas não temos peças feitas à mão, não há um autor. Temos um equipamento diferente.

- 4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que a usufruíram;

Temos sempre a parte mais do equipamento, e tem a ver com o dia-a-dia das pessoas, o trabalho. Se calhar equipamentos que funcionavam em centrais hidroeléctricas ou térmicas, e tem a ver com a função deles diária, de trabalho, porque trabalhavam com essas máquinas. É uma vivência laboral. Enquanto que electrodomésticos ou contadores têm uma utilização doméstica.

O que é que o contador significa na vida das pessoas? Conta a electricidade, paga. Essas conotações, às vezes, há que ter em conta, mas às vezes são menos agradáveis. Normalmente os electrodomésticos são ofertas particulares, o que é muito engraçado, e as pessoas fazem muita questão de explicar: "Era a minha avó que trabalhava com esta máquina". Tenho aí máquinas de apanhar malhas, malhas de senhoras. E pronto, era da avó da pessoa que ofereceu... que fazia isso.

E nesse caso ficam com essa informação, registam?

Sim. Toda a informação que a pessoa possa transmitir oralmente é registada, é tida em conta, é acrescentada numa ficha.

Gravada?

Não. Normalmente tomo nota. E depois é acrescentada no campo de história da peça, faz-se referência: “utilizada pela pessoa assim, assado, nos anos 20, trabalhava com isto, não trabalhava etc...”

E quando não são electrodomésticos? Quando corresponde mais à vida laboral? Contactam a pessoa?

Não, nem sempre. É muito mais complicado. Primeiro porque não é tão simples encontrar quem trabalhou na Central e com aquela máquina, segundo, porque trabalham por turnos, terceiro, porque nem sempre trabalharam na mesma central. E se calhar não é tão significativo.

4.3. Gostava de saber se o registo destas informações é tido por essencial:

4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;

4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades;

É tida em conta e está disponível para quem precisar ou quem quiser. E acho que faz parte, porque uma peça sem o mínimo de informação, ela pode ser um frigorífico de 1930 e vale o que vale a nível histórico, Mas!... Falta o resto!

4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar o bem/exemplar que entrou no Museu, ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, objectos que antes tinham uma *vida em sociedade*?

Acho que sim.

5. Projectando o Museu ideal.

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu, falando em especial:

Mas estamos a falar de quadro de funcionários, ou seja pessoas dedicadas a este trabalho.

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

O que se podia melhorar? Por exemplo, reforçava o quadro de funcionários? De que maneira? Com que perspectivas?

Sim. Reforçar o quadro é, no fundo, dignificar o inventário, dar o valor que ele merece. Porque é impossível conseguir absorver e pôr numa ficha de inventário, ou fazer um estudo minimamente completo, com a maior informação possível. Só feito por uma pessoa. Para mim, no quadro ideal deveria de haver, no mínimo, mais uma pessoa, e a tempo inteiro, exclusivamente.

Quando me diz mais uma pessoa é porque já há uma pessoa.

Não há. Agora mesmo existiu a colaboração de uma pessoa, mas esta colaboração desta pessoa veio confirmar que realmente é necessário haver um investimento sem outras distrações, sem outras funções que dispersam a nossa atenção. Porque acho que é uma

tarefa que precisa de um tempo, de uma concentração, um gosto pela investigação. Não estou a falar de regista/fotografa e insere num sistema informático, estou a falar de um trabalho de investigação, um trabalho de gosto. Às vezes já não falo tanto da formação das pessoas, mesmo não tendo formação em máquinas, não sendo engenheiro, consegue-se perfeitamente fazer um inventário como deve ser. Tive essa experiência agora com a rapariga que colaborou connosco e era muito importante manter isso. Acho que, para mim, o ideal nunca seria ter muitas pessoas porque estas coisas são coisas muito pessoais e depois cada um dá importância a uma coisa. O inventário acabaria por ficar um pouco... como diria? Não digo “não homogéneo”, mas: quantas mais mãos mais complicado.

E a pessoa que colaborou aqui qual é a formação? Que experiência trazia?

Ela é de História de Arte, como eu, azar...

Em teoria não tinha nada a ver com isto, mas é de Museologia, tem mestrado em Museologia, e já tinha experiência em inventariação e em serviços educativos. Além de ter estado connosco a fazer de guia durante um ano. Depois acabou o contrato, foi-se embora e quando houve oportunidade de reforçar certas áreas, como é o caso da parte do património e do inventário, eu propus repescá-la, porque achava que era uma pessoa com o perfil. Mas a parte do gosto é muito importante porque quando os temas são um bocado áridos, como é a electricidade, é preciso meter-se de cabeça... e aprender a gostar. Acho que de tudo se aprende a gostar!

Então reforçava o quadro de funcionários com uma pessoa fixa dedicada exclusivamente a inventário.

Inventário. Sem dúvida. Eu digo isso porque como eu tenho a conservação ao mesmo tempo, continuando uma pessoa a acompanhar a conservação e a gerir a manutenção do equipamento e das máquinas, do espólio, das peças que estão nas reservas - que tem que ter manutenção periódica - nunca consigo ter exclusividade no inventário, e acho que uma pessoa em exclusivo é necessário.

O seu é o Departamento do Património? É assim que se denomina?

Sim, antes era o Departamento de Património, agora é Reservas e Restauro. Somos pouco rigorosos nos nomes. Não sendo um museu clássico a nível de formação...

5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

Podíamos sempre reforçar com alguém com formação em artes gráficas, não digo um designer, não sei. Porque todo o equipamento que é passível de ser exposto, as alterações que se devem fazer às vezes, pequenas alterações, acho que deviam ter sempre um apoio gráfico ou estético. Não estou a falar de grandes alterações, porque isso faz-se de outra maneira. Mas não estaria de mais.

E outra coisa em que acho que se devia investir, é em ter uma excelente colecção de imagens de todas as peças do Museu.

Portanto uma pessoa dedicada a inventário, um designer e um fotógrafo.

Sim, mas o fotógrafo é mais complicado que possa estar a tempo inteiro, acho que nem se justifica.

Mas estamos a falar do museu ideal, podia estar a fotografar outras coisas... na reserva...

Pois, evidente, tratamento gráfico, digitalização... Nós temos um acervo de documentação e um arquivo histórico com desenhos originais do edifício, das máquinas. Nós temos aí um grande apoio.

Falando no Museu em geral, ampliava em alguma outra área o quadro de funcionários?

Se fosse na área do inventário era uma pessoa com dedicação exclusiva.

Se fosse no departamento de património era um designer e um fotógrafo e, agora ... se falássemos do Museu em geral?

No Museu em geral eu incluo sempre o Centro de Documentação, porque é importantíssimo para nós. Eu falo por mim, falo pela investigação, falo pelas peças do património. É um apoio que está sempre aqui, ao lado, e tem um número de documentos, de desenhos e de fotografias já muito, muito, muito aceitável, que também precisaria de pessoal em permanência: de um arquivista e uma bibliotecária em permanência, fora a pessoa que é responsável pela área. Efectivo: uma de biblioteca e uma de arquivo.

E mais nada?

Por exemplo, para o Serviço Educativo?

Talvez precisasse de outro apoio. Eu acho que o Serviço Educativo deveria de viver não só do dia-a-dia, isto é, só das visitas das escolas, como acontece muito. Nós temos muito público escolar, e o Serviço Educativo está muito virado para esse público, a nível de experiências ... mas acho que devia conseguir ter capacidade - que não tem - de sair de portas e chegar ao público em geral. Não ser aquele Serviço Educativo naquele sentido de: somos a escola tal, temos que marcar visita guiada mais, mais... O Serviço Educativo devia estar acessível a todos nós, quando chegamos ao Museu... com actividades diferentes, a tal hora em tal sítio... experiências, outro tipo de actividades, mas isso implica sempre pessoal, é evidente. Tudo o que é expandir é o problema.....

A componente humana?

Sim.

Era expandir dentro do Museu?

Sim, sempre. Mas quando falo de expandir falo também do exterior. Nós temos uma área envolvente grande, onde temos equipamento, uma área de relvado... é aproveitar todas as infra-estruturas que temos.

5.1.3. Nas categorias profissionais que gostava de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação.

5.2. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

Tem a ver com o acompanhamento, não ser só visitas guiadas teóricas. Acho que comentar que é que era a Central Tejo é importante, as pessoas precisam de um contexto. Este espaço é um espaço complicado, as pessoas precisam de ser esclarecidas: que é que a Central Tejo foi, que é que fez, que é que significou para a cidade. Mas isso é uma explicação histórica. Depois há uma explicação mais técnica que é a componente da produção de vapor, o vapor é que gera electricidade, essa explicação tem que ser feita.

O que falta sempre são as alternativas, ou seja, é ter outras actividades atractivas, não só para crianças, acho que os adultos também devem ser incentivados a participar nas experiências, porque às vezes o desconhecimento dos adultos é muito maior do que o das crianças. Porque as crianças às vezes estão a dar o tema na escola e têm noções de electricidade ou de física que os pais, se calhar, já esqueceram.

Por exemplo relativamente a temas como energias renováveis...

Sim, é um tema que está a ser discutido e é investimento. Além disso nós somos o Museu de Fundação EDP, o nosso investimento enquanto EDP é todo em energias renováveis agora. Mas é complicado conseguir conciliar isso tudo.

Então, quantas pessoas colocava no acompanhamento de visitantes?

Acho que realmente tinha que dividir. Porque uma coisa é fazer um guiamento histórico, resumido e outra coisa é ter pessoas com actividades programadas e dedicadas a um programa específico.

Quantas?

Actualmente o Serviço Educativo tem uma responsável, um apoio administrativo que lida mais com marcação de visitas e algum acompanhamento de visitas, e duas pessoas técnicas a programar experiências e a explicá-las.

E quem faz as visitas são as duas técnicas?

Não, quem faz as visitas são guias, nós temos um protocolo com o IPJ. E temos guias, todos os dias da semana, em permanência, fazem as vistas guiadas por marcação com as escolas. E temos ao fim de semana a horas certas para quem quiser fazer. Mas as pessoas que preparam as experiências e dão apoio às experiências, explicam as experiências - reacções químicas e princípios da física - são duas: uma é mais executante, outra é mais a parte, não digo investigação, mas da teoria - o que é que seria bom transmitir para esta faixa etária, as experiências que eles estão a dar e como transforma-las em experiências práticas, coisas desse estilo -.

Continua a ser tudo feito um bocado portas adentro. Não há hipóteses de transmitir para fora. Ao fim de semana também se dá aí uma ideia de algumas experiências, mas...

O quadro parece-me alargado: uma responsável, duas pessoas, um administrativo e os guias... parece-me alargado, mas mesmo assim sente-se falta de mais gente.

Agora, onde é que eu reforçava? Quem só faz guiamento e não sabe a prática e só sabe teoria... Também não está por dentro do tema.

Reforçava as duas áreas?

Sim.

5.3. Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente

Porque a Central esteve sempre aqui localizada. Neste sentido até pode...

A Central fez parte da vida de toda esta área durante muitos anos, por todas as razões e mais alguma, porque as pessoas das proximidades trabalhavam cá, as pessoas das proximidades viveram com esta central a deitar pó de carvão pela chaminé... São realidades! A relação com o rio é muito importante porque o carvão chegava através do rio,

as descargas de carvão era feitas por gente da outra margem, de Alcochete, era um trabalho sazonal: ora trabalhavam no sal, em Alcochete, como trabalhavam aqui na Central Tejo. Há um círculo de pessoas que foram afectadas pelo existir da Central aqui, fez parte da vida delas. Agora, como é que se continua a manter? É complicado, porque a população que passou por aqui, e que aqui viveu, praticamente daqui a nada não está viva. Segundas gerações, terceiras gerações têm histórias às vezes: “O meu pai contava”, “A minha mãe contava...”, mas eu acho que a própria presença do edifício faz sempre com que a população envolvente não esqueça que a Central até há meia dúzia de anos, entre aspas, funcionou e abastecia a cidade de electricidade. Agora manter isso... acho que é manter a Central em condições.

Fazem contactos com essas poucas pessoas que ainda estão vivas?

Sim, já fizemos. No ano passado organizou-se uma exposição que era sobre os trabalhadores da central. Conseguiu-se contactar muitos trabalhadores ainda vivos. Fizemos depoimentos, gravámos os depoimentos, uma recolha oral, filmaram também os depoimentos de alguns. Até está uma mostra na Central, na exposição. Há uma exposição com fotografias provenientes do nosso arquivo fotográfico e os depoimentos estão lá para se ouvir.

Fizemos esse esforço, mas é muito difícil... Ainda ficámos satisfeitos porque conseguimos reunir pessoas que passaram por cá, e que trabalharam por cá. Foi sobretudo muito importante ver a satisfação deles por, de repente, alguém lhes ir bater à porta a dizer: “Olhe, não nos quer ir contar como é que era o trabalho lá?”. Foi uma experiência muito engraçada.

Já pensaram fazer um arquivo de memória oral? Procurar outras testemunhas?

Já. Essa foi uma ideia que não é nova. Mas concretizar, concretizou-se só em pequena parte para esta exposição, e acho que foi uma experiência muito positiva e que se pode com outro tema...

Fazendo do sonho realidade... não ampliava esta área do património com outras pessoas que pudessem ir à procura desta vivência?

Essa parte pode ser sempre feita pelos colegas do Centro de Estudos da parte de investigação histórica porque eles têm todo o conhecimento da história da empresa, não só da Central, quando falo da história da Central é uma no meio de todas as centrais que temos e que tivemos pelo país, e com a mesma antiguidade se calhar que esta. Sim, porque nós temos essas vivências dispersas pelo país... nós não estamos centralizados só aqui, aliás, o Museu da Electricidade não devia ser só o Museu da Electricidade em Lisboa, nós devíamos tentar ter pólos museológicos noutros pontos do país.

Por exemplo a Central de Castelo de Bode é uma central hídrica, começou a funcionar quando a Central Tejo deixou de produzir em quantidade. Mas que é que acontece as grandes obras? A Central de Castelo de Bode foi feita e tudo à volta é uma aldeia onde viviam os seus trabalhadores, com a sua escola, com a sua igreja. Ou seja, tinha de ser criada a parte humana, a parte do dia-a-dia, a parte social, tinha de ser criada à volta de um elemento como este, que era uma central hídrica no meio do nada.

As pessoas que trabalhavam lá tinham direito a ter as suas famílias, e então isso faz parte da história social, que é muito importante. Mas nós não temos só esse exemplo aqui da Central Tejo, eu sei que estamos a falar daqui, nós, Museu de Electricidade, mas é muito difícil... e qualquer um de nós aqui, tem consciência de que, se calhar, há outros sítios onde

esse investimento devia ser feito porque é muito importante mostrar a evolução de como se trabalhava, como é que era a vida das pessoas à volta de uma Central. Não é só nós, Central Tejo.

Mas vocês acabam por dar a cara...

Sim, sem dúvida. Mas às vezes ficamos com mais pena de não fazer essa recolha noutros sítios que tiveram também vivências importantíssimas e foram grandes produtores e estiveram anos a produzir energia.

Não esqueça que estamos a falar do museu ideal...

Museu ideal que devia ter braços! No nosso caso devia ter braços... Seria importante.

E quantos pólos museológicos é que criava? Um por região?

Isso é complicado... Porque tem mais a ver com os centros produtores. Por isso há uma zona norte, não tem que ser o Porto, não quer dizer que o Porto não tenha grande produção, mas há uma zona muito mais interior. Há uma zona que reúne todas as centrais mais pequenas que é do Alentejo...

Prende-se com recentes produtores de electricidade. Não é com regiões.

Para mim a entrevista acabou, mas gostava de saber se acrescentava mais alguma coisa?

Esqueci-me que no quadro ideal de funcionários, um engenheiro técnico, de máquinas é fundamental, e em permanência. Não sei como fui esquecer, é que a pessoa que colabora connosco também faz parte quase do quadro. Não imagino o trabalho sem ele. Nem consigo pensar que ele falta. É uma pessoa que é reformada da empresa, que dá apoio há anos e o dia que faltar...

Acrescentava alguma outra informação que não tenha saído naturalmente ao longo da nossa conversa?

Não, basicamente acho que tocámos nos pontos todos...

O que achou da entrevista?

O guião, achei diferente, achei que não tem nada a ver com aquelas perguntas formais de trabalho.

Acrescentava mais alguma coisa ao guião, além da modalidade de incorporação?

Não, acho que no fundo com os pontos que toca aqui na entrevista consegue a conversa chegar a outros assuntos sem estar aqui escritos mas acabamos por, se calhar, chegar lá...

Muito Obrigada!

Outras informações, relacionadas com questões não colocadas na altura da entrevista, e presentes no modelo final de guião utilizado no estudo.

Respostas obtidas, ao longo de 2010 e 2011, através de correio electrónico e por contactos telefónicos, com a colaboração de Rosa Góis.

2.3. Quais os critérios a seguir quando da incorporação de um bem/exemplar?

Para nós são especialmente importantes os objectos que permitem seguir de perto a evolução histórica do sector eléctrico ao nível do equipamento. Claro que, em função dos o diferentes e, por isso temos que analisar cada uma de elas com pormenor.

Normalmente acho que poderia dizer que costumamos por em primeiro lugar:

- o nível de representatividade do objecto no seu contexto histórico,
- e claro, as características e os valores que representa neste nosso âmbito de actuação.

5.2. Indique-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo:

Só existe uma pessoa para fazer inventário no Museu da Electricidade. Efectiva da empresa (quadro superior), licenciada em História da Arte com Pós-Graduação em Museologia. Essa pessoa sou eu.

Durante um ano (de Agosto 2007 a Agosto 2008) tive a colaboração de uma licenciada em História da Arte com Mestrado em Museologia para fazer inventário. Trabalhou com contrato de 1 ano com a Fundação EDP e uma remuneração de 1500€ mês. A Margarida tem 28 anos e a experiência de ter trabalhado em museus do Estado, na parte de inventário e serviços educativos.

A nova aplicação informática foi adquirida em Março de 2008, mas ainda não está disponível ao público. O processo de correcção de erros e "afinações" ainda não concluiu.

Quando comecei o estágio no Museu da Electricidade (1996) a minha experiência profissional não tinha passado por outros museus. Tinha acabado a minha formação em 1995 e trabalhado noutras áreas.

Hoje (2008) tenho 38 anos e o meu ordenado líquido mensal não chega aos 2000€.

6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:

Denominação: *Winlib, Gestão de Património.*

Criador: Empresa Nova Base. Aquisição 2008.

Objectivos atingidos até agora: Informatização do inventário numa base de dados da IBM, a Lótus Notes, em funcionamento desde o ano 2000.

Previsões: Implementação do novo sistema a finais do ano 2008.

Utilidade a nível interno: Actualmente inactiva.

Sistema elaborado pela Nova Base em equipo com os responsáveis pelo Departamento de Reservas e Restauro, pelo Centro de Documentação e pelo Arquivo Histórico para responder as exigências do Museu e sua realidade a estes três níveis.

Utilidade a nível externo: Actualmente inactiva.

Pretende-se:

Uma gestão mais organizada da realidade.

A implementação de trabalho em rede com duas bibliotecas que utilizam este sistema: Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian e a Biblioteca Nacional

Possibilidades de actualização ao nível dos conteúdos e da estrutura

- Conteúdos: sim, existe possibilidade de actualização.
- Estrutura: em princípio irá existir possibilidade de actualização.

Custos envolvidos:

Aquisição: O programa foi especificamente realizado para a gestão patrimonial no contexto de este Museu por primeira vez.

Segundo a pessoa entrevistada os custos foram muito elevados.

Manutenção: está incluída no contrato com a Nova base.

O que mudava neste momento para melhorar a situação: dignificava o inventário colocando uma pessoa exclusivamente dedicada a esta função.

Os bens inventariados no SGC do ME:

- **Número de bens que integram o espólio do Museu:** em torno aos 3.900.
- **Percentagem com inventário informatizado:** 3.137 (aproximadamente 80%).